



Eleições das Autarquias

O acto eleitoral de domingo passado, para as autarquias locais, decorreu com o maior civismo no nosso distrito, não havendo, felizmente, a registar qualquer incidente.

Os resultados da votação foram os seguintes:

CÂMARAS MUNICIPAIS DO DISTRITO

Dos 386 124 eleitores inscritos, votaram 258 618, registando-se 4813 votos brancos e 4958 nulos. O PSD obteve 91 262 votos, o PS 70 870, o CDS 63 334 e a FEPU 16 871.

Assim, passam a ser os seguintes os novos presidentes das Câmaras Municipais nos dezanove concelhos do Distrito — ou sejam 13 do PSD, 3 do CDS e 3 do PS:

ÁGUEDA — Dr. Valdemar Castro Alves (PSD)
ALBERGARIA-A-VELHA — José Nunes Alves (PSD)
ANADIA — Eng.º Silvío Henrique Cerveira (PSD)
AROUCA — Prof. Zeferino Brandão (PSD)
AVEIRO — Dr. José Girão Pereira (CDS)
CASTELO DE PAIVA — Dr. Fernando Silva Rocha (PSD)
ESPINHO — Artur Pereira Bártolo (PS)
ESTARREJA — Prof.ª Maria de Lourdes Breu (PSD)
FEIRA — Prof. Aurélio Gonçalves Pinheiro (PSD)
ÍLHAVO — Eng.º José Manuel São Marcos Simões (PSD)
MEALHADA — Dr.ª Maria dos Santos Isabel (PS)
MURTOSA — António Tavares da Fonseca (PSD)
OLIVEIRA DE AZEMÉIS — Eng.º Licínio Vieira Dias (PSD)
OLIVEIRA DO BAIRRO — Alípio Sol (PSD)
OVAR — Dr. Fernando Raimundo Rodrigues (PSD)
S. JOÃO DA MADEIRA — Dr. Benjamim Valente (PS)
SEVER DO VOUGA — Artur José Ferreira de Castro (PSD)
VAGOS — Alda Cardoso Santos Vitor (CDS)
VALE DE CAMBRA — Eng.º Bernardo Coelho Pinto (CDS)

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE AVEIRO

Eleitores inscritos, 37 838; votantes, 25 812; votos brancos, 544; votos nulos, 574. Votos obtidos pelos partidos concorrentes: CDS — 9 656; PS — 6 350; PSD — 6 276; FEPU — 2 201; PDC — 211.

CÂMARA MUNICIPAL DE AVEIRO

Eleitores inscritos, 37 838; votantes, 25 797; votos brancos, 493; votos nulos, 518. Votos obtidos pelos partidos concorrentes: CDS — 9 678; PS — 6 412; PSD — 6 249; FEPU — 1 898; MRPP — 354; PCP/ML — 195.

FREGUESIAS DO CONCELHO

Para a Assembleia Municipal, registou-se a seguinte votação nas freguesias do concelho de Aveiro: *Aradas* — FEPU, 112; CDS, 1 386; PSD, 742; PDC, 29; PS, 736. *Cacia* — FEPU, 210; CDS, 779; PSD, 562; PDC, 24; PS, 468. *Eirol* — FEPU, 9; CDS, 170; PSD, 120; PDC, 3; PS, 45. *Eixo* — FEPU, 88; CDS, 545; PSD, 363; PDC, 11; PS, 229. *Esgueira* — FEPU, 437; CDS, 1 313; PSD, 869; PDC, 36; PS, 1 087. *Glória* — FEPU, 548; CDS, 1 662; PSD, 775; PDC, 36; PS, 1 372. *Nariz* — FEPU, 19; CDS, 269; PSD, 211; PDC, 4; PS, 28. *Oliveirinha* — FEPU, 33; CDS, 731; PSD, 918; PDC, 22; PS, 206. *Requeixo* — FEPU, 23; CDS, 554; PSD, 516; PDC, 11; PS, 107. *S. Bernardo* — FEPU, 29; CDS, 570; PSD, 298; PDC, 10; PS, 284. *S. Jacinto* — FEPU, 56; CDS, 124; PSD, 45; PDC, 6; PS, 192. *Vera-Cruz* — FEPU, 637; CDS, 1 553; PSD, 857; PDC, 19; PS, 1 596.

Para a Câmara Municipal, a votação registada foi a que se segue: *Aradas* — PS, 713; PCP/ML, 33; FEPU, 89; PSD, 571; CDS, 1 388; MRPP, 46. *Cacia* — PS, 497; PCP/ML, 23; FEPU, 164; PSD, 572; CDS, 768; MRPP, 24. *Eirol* — PS, 45; PCP/ML, 0; FEPU, 6; PSD, 117; CDS, 175; MRPP, 7. *Eixo* — PS, 229; PCP/ML, 10; FEPU, 68; PSD, 365; CDS, 542; MRPP, 16. *Esgueira* — PS, 1 145; PCP/ML, 40; FEPU, 367; PSD, 895; CDS, 1 286; MRPP, 31. *Glória* — PS, 1 440; PCP/ML, 25; FEPU, 480; PSD, 747; CDS, 1 680; MRPP, 48. *Nariz* — PS, 32; PCP/ML, 5; FEPU, 8; PSD, 212; CDS, 261; MRPP, 12. *Oliveirinha* — PS, 165; PCP/ML, 9; FEPU, 33; PSD, 909; CDS, 749; MRPP, 54. *Requeixo* — PS, 94; PCP/ML, 7; FEPU, 17; PSD, 510; CDS, 561; MRPP, 29. *S. Bernardo* — PS, 289; PCP/ML, 11; FEPU, 23; PSD, 291; CDS, 558; MRPP, 9. *S. Jacinto* — PS, 188; PCP/ML, 9; FEPU, 49; PSD, 46; CDS, 124; MRPP, 14. *Vera-Cruz* — PS, 1 575; PCP/ML, 23; FEPU, 594; PSD, 834; CDS, 1 586; MRPP, 64.

Constituição da futura Câmara de Aveiro

De acordo com os resultados das eleições e da proporcionalidade legalmente estabelecida em relação ao número de votos obtidos por cada partido, a futura Câmara Municipal de Aveiro, cuja presidência pertence ao primeiro da lista do C.D.S., a mais votada, deverá ficar com a seguinte constituição:

Dr. José Pereira Girão (presidente), Eng.º Carlos Lourenço Boia e Prof.ª D. Zulmira Encida de Sousa Silva Cristo Cerqueira, do C.D.S.; Eng.º Francisco Soares Pinheiro e Orlando Moreira de Campos Cruz, do P.S.; Dr. José da Cruz Neto e Dr. Vítor Manuel Cepeda Mangerão, do P.P.D./P.S.D.

Em nada diferente

POR

Gamas Aparício

FOI agora apresentado ao País o Relatório da Comissão de Averiguação de Violências sobre Presos Sujeitos às Autoridades Militares, a qual foi nomeada por resolução do Conselho da Revolução de 19 de Janeiro de 1976.

Pois bem. Ao ler-se o referido relatório, fica-se abismado com o que nele se contém, e, ao mesmo tempo verifica-se que se a certos homens fosse dado o mando total do País, imediatamente o transformariam — no respeitante a vinganças e torturas — num horroroso Chile, tais as irregularidades e sevícias mandadas cometer e cometidas por aqueles que se diziam grandes amigos do povo e censuravam asperamente os actos cometidos também pela PIDE/DGS.

Os castigos irregulares agora revelados ao País, e praticados na pessoa humana, em nada são inferiores aos igualmente praticados pela antiga polícia política, parecendo até que, quem os ordenou e os praticou, frequentou alguma escola daquela — felizmente — extinta corporação.

Ao ler-se aquele relatório, verifica-se ainda que os métodos de vingança são os mesmos, os homens é que são outros; mas se aos primeiros

não se devem desculpar as atrocidades cometidas, aos de agora e porque — e muito bem — criticaram sem reservas a forma como eram tratados por aquela polícia os presos políticos, deve também dar-se o devido castigo.

Diz a Constituição da República no seu Art.º 13.º:

«1 — Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.

2 — Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação

económica ou condição social.»

Assim, o que se cometeu, está nitidamente em desacordo com o estipulado na Constituição e com os desejos de união de todos os portugueses, tantas vezes manifestados pelo Senhor Presidente da República.

Tudo o que se lê no citado relatório, não é mais do que uma violação aos mais sagrados direitos do homem e revela também nalguns casos a falta de sentimentos, quer morais quer humanos dos que ordenaram e praticaram tais actos.

Enfim, o relatório foi elaborado e posto à apreciação dos portugueses, no entanto, e como não é de estranhar, ainda há quem acredite nos homens que cometeram ou mandaram cometer os actos que naquele relatório vêm narrados.

Pobre Portugal, se na verdade alguma vez for por eles governado.

Horas Vagas

Restauração de Portugal

O 336.º aniversário da independência de Portugal = A manhã de 1 de Dezembro de 1640 = A morte de Miguel de Vasconcelos = Bemdito dia que se disse de milagre

Artigo de

Ernesto Baptista

CLAREAVA; o sol surgira. Eram oito horas e meia da manhã do primeiro de Dezembro.

Friava. Os fidalgos, cúmplices na conjura, iam chegando à porta do palácio da Ribeira.

Os lacaios, palafreiros, moços e estribeiros, resguardavam sob os capeirões, bacamartes e punhais. Ao bater a última badalada das nove os conjurados saltaram impetuosamente dos coches. Sumidos no fundo dos seus carros, Jorge de Melo e Castro e Estêvão da Cunha deviam aguardar o sinal para o assalto da guarda principal.

Os tudescos da antecâmara viram, a súbitas, Afonso de Menezes, Gastão de Brito Freire e António de Azevedo avançando para eles de pistolas aperradas e luzindo os brilhantes ferros. Derubaram os armeiros, e, apossando-se das alabardas, estilhaçaram as portas. Pedro de Mendonça e Tomé de Sousa tomaram a passagem aos apavorados archeiros, enquanto o criado do duque de Bragança, Luiz Godinho Benavente, com outros, ia prostrando os soldados que guardavam a entrada dos aposentos da duquesa de Mântua, governadora do reino.

D. Miguel de Almeida, de cabeça descoberta, ancião, mas de energia moça, desembainhara a espada e gritava:

«Liberdade, portugueses! Viva el-rei D. João IV!» Fazia esta aclamação da varanda para o ter-

reiro e o povo, convocado por seu juiz e gente da Casa dos Vinte e Quatro, ouvia, entusiasmado, aquela delirante saudação ao duque de Bragança.

— Onde está Miguel de Vasconcelos?

D. António Telo, o moço D. João de Sá e Menezes, primogénito do conde de Penaguião, e noivo de D. Luiza de Atouguia, caminhavam com os filhos de D. Filipa de Vilhena. Álvaro Avranches, Aires de Sá Saldanha, António Alvares da Cunha e muitos mais fidalgos seguiam pelos vastos corredores do Paço. Disparara-se uma pistola; fôra ferido no braço, António Teles da Silva, um dos filhos de D. Mariana de Lancaster. Toparam Francisco Soares de Albergaria à porta do secretário de estado. Detiveram-no:

— Viva el-rei D. João IV!

Respondeu-lhes, em ímpeto:

— Viva el-rei D. Filipe!

Um tiro soou e o final do segundo brado colheu-o na garganta o projectil disparado por mão certa. O alvejado ficou por terra, golfando sangue; calcaram-lhe o corpo na fúria da corrida. Deparou-se aos olhos dos conjurados António Correia, oficial-mor da secretaria. António Telo, que o odiava, feriu-o em raiva cruenta.

(Conclui na 2.ª página)

NOCTURNO

Era noite,
E a penumbra
Penetrava no infinito
Como esperança
No olhar distante.
Era noite,
E em cada estrela refulgindo,
O teu suspiro de amante,
Segredava.
Era noite,
E nem o murmúrio da fonte
Calava o teu queixume.
Era noite,
E os passos vacilantes
da incerteza,
Tocavam em tuos macios,
Volvendo à minha frente
A suavidade dos teus cabelos.
Era noite,
E eu descansei minha canseira
No abrigo do teu peito.
Era noite,
E o meu silêncio
Jazem na escuridão.

A. Maia Santos

Horas Vagas

Restauração de Portugal

(Conclusão da 1.ª página)

— E Miguel de Vasconcelos? Miguel de Vasconcelos?

Queriam o árbitro do mando, o tredo, o vil que tantas denúncias fizera, à mistura com vexames e infâmias contra os seus compatriotas.

Um dos apaniguados do ministro, Manuel Mansos da Fonseca, aparecera a dar-lhe aviso. Estava na cama. Ouviu o áulico dizer-lhe da chegada dos fidalgos ao Terreiro do Paço; chasqueou da prevenção mas, ante o rumor distante, logo a aproximar-se, com seu barulho de armas e de passadas no corredor, levantou-se, tentara vestir-se, e fugira à pressa, desordenadamente, cheio de desespero.

Diante dos conjurados aparecera o valido, Adriano Salazar Sarazá, um espanhol.

— Que quereis?, interrogou, com arrego. Perguntaram-lhe pelo amo e amigo. Sentiu contra o peito as pontas das espadas, enlvideceu, voltou costas, acorçado. Eles entraram, de roldão, no gabinete onde se tecera o mal da Pátria. Viram papéis remexidos, cadeiras arredadas. Fortes golpes de machado abateram as portas que deitavam para a casa da Índia. Apareceu uma serva. Ouviu-os rouquejar a pergunta, apressada: Miguel de Vasconcelos? Miguel de Vasconcelos?

Não sei, meus fidalgos, não sei; e ao mesmo tempo, o seu dedo indicava um armário enorme metido na parede e que podia albergar mais de um homem.

Arrombaram as portadas; escondido sob um monte de papéis e apertando convulsamente uma carabina, estava o secretário de estado. António Telo disparou dois tiros que o alcançaram; ao sentir-se ferido pulou para a sala e caíram sobre ele à espadreira. Jorrava sangue do seu peito; e, abatido sob aqueles ferros, como um javali em boa montaria, espumjava, desfalecendo. Ainda estava vivo. Tomando nos braços, aquele corpo ensanguentado, arremessaram-no ao terreiro, entre imprecações.

Depois, nos arrancos da fúria, contida durante tantos anos, como se as velhas cóleras dos antepassados os movessem, arrojaram à praça, papéis, trajos, alfaias, do traidor; até móveis se despenharam das varandas sob as quais jazia despedaçado o cadáver do que, há pouco, era, ainda tão poderoso.

Acorrera o povoleu da Ribeira das Naus, como para um regabofe farto.

Morrera o português inimigo de Portugal.

Lançando-se sob aquele despojo, privavam-no dos dedos, arrancavam-lhe as barbas, calcando-o em fúrias. De repente, luziu uma navalha de cortar cordame, falcou, e, logo, ao som de ensurdecido berreiro foi decepada cerca uma das orelhas do ministro. Pingava sangue negro, escorria em laivos grossos; farrapos de carne altearam-se nos chuços, enquanto a turba cuspi no rosto amaldiçoado. Mulheronas, colarejas, comborças, populacho, que não fora convocado para a revolução, berrava, lançando punhados de terra sobre aquelas faces retalhadas por gilvazes horrorosos.

Os conjurados continuam a arrombar os móveis; surgia do fundo de um armário o capitão

Diogo Garcês Palha segurando a ameaçadora carabina. Disparou-a; pegou noutras armas, mas, levando-o à ponta de espada, obrigaram-no a saltar pela janela. Foi cair no terreiro, em transe de morte; na queda quebrou as pernas.

Já se tinham encaminhado para os aposentos da duquesa de Mântua, D. Miguel de Almeida, D. Antão de Almada, Tomé de Sousa, João Rodrigues de Sá, Francisco de Melo, D. Fernando Teles de Faro, D. Rodrigo de Menezes, com tantos outros senhores. Os Atouguias e o resto do nobre bando voltavam da sua caçada aos traidores. Diante deles, D. João da Costa, que se apressara a combater, interpunha-se na defesa de alguns magistrados que estavam nos tribunais.

O sol, e bem formoso ele se mostrava, sorvia, no terreiro, o sangue do imolado; a plebe, rugindo, aguardava a nobreza que procurava a governadora do reino.

Corajosamente, confiada em seu poder, assomara a uma das varandas e increpava o povo, depois de lhe pedir auxílio. Já fôra desarmada a guarda principal; estavam abertas as passagens. Ela falava sempre, mas os conspiradores detiveram-na, proibindo-lhe a saída. Encarou aqueles homens, de espaldas nuas e cabeças cobertas e bradou-lhes:

— Basta, senhores; já o ministro culpado pagou os delitos cometidos: não passe adiante o furor que não merece entrar em peitos tão nobres. Eu me obrigo a que el-rei católico, não só perdoe, mas agradeça livrar-se este reino dos excessos do secretário!

Já o renegava; quase aplaudia aquela patriótica justiça que passava, cruel mas segura. A resposta saiu, clara e forte, dos lábios dos conjurados:

— Não conhecemos mais rei que ao duque de Bragança por nós aclamado!

Cresceu para eles, arrojada, altiva e injuriou-os a ponto de D. Carlos de Noronha lhe pedir que se retirasse a fim de não dar ocasião de se lhe perder o respeito.

— A mim? E como? A governadora do reino era de tèmpera orgulhosa: Como?! Obrigando-a a sair por aquela janela se não quiser entrar por aquela porta!

E fremente, indignado, o fidalgo sentiu-a dominada. Correram-se à varanda; bradara-se, em júbilos sem par: Liberdade! Viva el-rei D. João IV! Já o arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo de Menezes, ao saber do feito, saira da Sé; dirigira-se ao terreiro e vira fechadas as portas da Câmara. O conde de Cantanhede, presidente do Senado, assim o ordenara. Os filhos, cumpliciados na conjura, e que lhe tinham ocultado, acorreram a pedir-lhe a bandeira da cidade. Logo se escancarou o portão do edifício; D. Álvaro de Avranches, de nome igual ao do seu antepassado, o leal cavaleiro da jarreteira, Álvaro Vaz de Almada, outrora alcaide de Lisboa, erguera o pendão e fôra mostrá-lo ao povo. Aparecera o prelado com a sua mitra; sob o pálio, resplandecia. Ajoelhava-se diante dele e, a súbitas, os populares gritaram que a imagem de Cristo, erguida à frente do antiste, levantara o braço direito como a saudar a liberdade de Portugal.

O sol envolvia de folgores aque-

le cortejo que celebrava a emancipação do país.

No castelo de S. Jorge, os espanhóis, entrincheirados, miravam o torvelinhar do povo no Terreiro do Paço, quedos, atónitos, à sombra do seu estandarte. Desfilava a procissão: o arcebispo, junto do crucifixo, aconselhava:

Paz! Paz! Tudo será pelo melhor! Diante do filho de Deus, cujo braço de prata se movera, a multidão resava contrita:

Milagre! Milagre!

O grande prodígio fôra a libertação de Portugal.

O venerável prelado ia dizendo: É este milagre obra de Deus para que tenha rei português!

No paço reinava o desassossego. Colocaram-se alguns fidalgos de guarda à duquesa governadora, que se recolhera ao seu oratório. Ia pedir ao céu a calma para os nervos exacerbados. Pela segunda vez, em curto espaço, perdera o poder; os vassallos escorraçaram-na do ducado Mântua e Monteferrate; os cativos portugueses atiravam-lhe com as cadeias de seu jugo. A artilharia do castelo, assestada sobre a cidade, punha-a em grave risco, mas os conjurados tinham como excelente refém a representante do rei de Espanha, a qual morreria com eles sob os escombros da capital se a varejassem à vala.

Passara, imediatamente, ordem a Luiz del Campo, tenente do mestre de campo general, para que não tomasse qualquer deliberação. Assinara o escrito: era a sua derrota.

D. Antão de Almada ficara à porta do refúgio onde D. Margarida de Austria resava por não lhe ser já fácil increpar.

Entre vivas, aclamações, bandeiras e júbilos ia passando a procissão, com o Cristo de braço solto, rebrilhante à luz do céu, esplendor divino, em sua gala, para o primeiro dia da Liberdade portuguesa ao cabo de sessenta anos de grilhões.

Milagre! Milagre!

Glorioso e nobre milagre fôra senhor Deus!

Soluçava-se e ria-se; trocavam-se abraços; cantava no espaço a aleluia dos campanários.

Milagre! Milagre!

Ao cair da noite apareceram, de repente, todas as janelas iluminadas. Não seriam de menos brilho as do palácio Atouguia. D. Filipa de Vilhena, apertando contra o coração os filhos volvidos do grande feito, chorava. Podia mostrar-lhes o seu amor; o seu orgulho de mãe. Derramava lágrimas por que não era mais necessário ocultá-las. Vencidos e mortos, represá-las-ia por que não se pranteiam os que sucumbem pela Pátria.

O intrépido padre Nicolau da Maia, de espada em punho e pistola apertada, à frente de um grupo de destemidos fidalgos ia estilhaçando as portas principais dos Paços da Ribeira.

Badalajavam os sinos, resplandeciam as fachadas dos palácios. Os espanhóis, hesitantes, aguardavam reforços. Prisioneiros da surpresa, como fascinados por aquele deslumbramento, escutavam os alegres cânticos dos campanários e as rumorosas vozes do povo e dos nobres que já tinham escolhido governo, enquanto se aguardava a chegada do duque de Bragança, do seu rei D. João IV. Um dos fidalgos do séquito da governadora, olhando a cidade, perguntava, no auge do pasmo: — É possível que se tire um reino a sua majestade D. Filipe de Espanha, com luminárias e vivas, sem mais exército nem poder?!

Tudo é possível, devia compreendê-lo, quando se dão vidas

**Maria Alice Rodrigues de Oliveira e Sá
Agradecimento e Missa do 30.º dia**



Seu marido António Dias de Sá, seu filho Vitor Manuel Rodrigues de Sá, sua filha Aurora Rodrigues de Oliveira e Sá e mais família, vêm por este meio manifestar a sua gratidão a todas as pessoas de Angeja, Sarrazola, Fermelã, Ilhava, Espinho e Porto, que a acompanharam à sua última morada e que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar.

Igualmente participam que no dia 30 do corrente será celebrada missa pelo seu eterno descanso, às 19 horas, na Igreja de Angeja, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignem participar neste piedoso acto.

Angeja, 16 de Dezembro de 1976

Notícias locais

Por Aveiro

Eleições em Cacia

Decorreram com muito civismo e interesse as eleições em Cacia.

A futura Junta de Freguesia, que deve entrar em exercício no princípio do próximo ano, será presidida pelo sr. Fernando Augusto de Oliveira, que encabeçava a lista do CDS e foi mais votada.

Constituirão a nova Junta da nossa freguesia 4 membros do CDS, 2 do PPD/PSD, 2 do PS e um do Progresso de Cacia.

Investidores de J. Pimenta

Para conhecimento e interesse dos investidores da empresa «Empreendimentos Urbanos e Turismo J. Pimenta, S.A.R.L.» existentes, porventura, na nossa região, damos a notícia de que haverá uma reunião, no próximo domingo, dia 26, às 15 horas, no Porto, na Cooperativa dos Pedreiros Portuenses, Rua da Alegria, n.º 582.

Lotaria Nacional

N.ºs da extração de 10-12-1976:

11120 — 21652 — 43119

Lotaria do Natal

(Extração em 22-12-76)

64618 — 14183 — 137686

Terreno para construção

Vende-se com frente para duas construções, situado no Largo dos Bartocos, na Quintã do Loureiro.

Tratar com Agostinho Lopes, em Cacia, ou pelo telef. 741748 — Lisboa.

por uma bela causa, por uma bela mulher, por uma bela Pátria, e Portugal era sublime de beleza por que até as mães, como D. Filipa de Vilhena e D. Mariana de Lancastre, preferiam que os filhos dos seus seios se sumissem honrados, nas entranhas das jazidas, do que vissem sem brio, à luz do sol que, ao tocar a desonestidade, lhes parecia um astro vilipendiado.

Bravas lições do passado, alertando o presente ou o futuro.

Angeja, Novembro de 1976

Ernesto Baptista

Publicidade no Mercado de Manuel Firmino

A comissão administrativa da Câmara Municipal abriu concurso, a realizar no dia 27 do corrente, para a exploração de cartazes publicitários nas paredes interiores do Mercado de Manuel Firmino, no período compreendido entre 1 de Janeiro e 31 de Dezembro de 1977, ou, em alternativa, no triénio de 1977-1979, segundo condições patentes na Secretaria do Município.

Tômbola para os «Bombeiros Novos»

Está a funcionar, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, em frente ao Cine-Avenida, uma quermesse em benefício dos nossos Bombeiros Novos. Pretende-se com esta iniciativa angariar fundos para as obras de remodelação que se estão a realizar no quartel-sede.

Tal iniciativa fica a dever-se a um grupo de Senhoras, cujo gesto nos merece todo o nosso apoio e louvor. Bem o merecem os nossos Bombeiros.

Pela P. S. P.

Objectos achados

Na Secretaria do Comando da P.S.P., estão à disposição de quem provar pertencer-lhes os seguintes objectos, achados na via pública:

Seis coleiras para animais caninos; uma chapa de velocípede 2-VGS-40-49; dois casacos de malha; três porta-chaves; três carteiras de pergamoide; uma roda completa de automóvel; uma pasta de pergamoide; Bilhetes de Identidade em nome de José António de Sousa Queirós e Carlos Manuel Tranco Loureiro; uma nota de 20\$00; um estojo de desenho; um relógio de pulso de senhora; uma peça de estore; onze fotos tipo passe; um par de luvas para homem; e um casaco de lã para criança.

Vende-se

Um terreno a pinhal na Estrada de Tabocira, com 50 metros de frente e 12 de fundo, junto à fábrica da Cerâmica Jerónimo Campos.

Tratar com José Simões Aidos, na Quintã do Loureiro — Cacia.

Uma moeda de 25\$00 substituirá a nota de 20\$00

O «Diário da República» de 15 do corrente (1.ª Série, n.º 291) publicou o seguinte decreto do Ministério das Finanças:

«Dado o grande volume de notas de 20\$00 em circulação e o elevado custo que a sua emissão e manutenção ocasionam, torna-se oportuno considerar, desde já, a sua substituição por um novo tipo de moeda metálica, com o valor facial de 25\$00, sem, contudo, eliminar, por um período ainda relativamente longo, a coexistência em circulação das duas espécies monetárias.

A medida apontada justifica-se, já porque possibilita a economia de divisas decorrentes da circunstância de a moeda metálica ser fabricada em Portugal, ao contrário do que neste momento sucede em relação à nota, já porque permite uma cobertura dos custos de produção mais ampla e segura por maior período de tempo, dada a fácil deterioração do papel-moeda e os custos apreciáveis que acarreta a sua apropriada escolha e consequente manuseamento no Banco de Portugal.

A observação colhida do estudo de diversos sistemas estrangeiros demonstrou a conveniência da adopção do valor facial indicado, que parece ser o que melhor se ajusta ao escalonamento de valores do sistema monetário português, permitindo, em muitos casos, maior facilidade de trocos.

Assim:

O Governo decreta, nos termos da alínea a) do artigo 201.º da Constituição, o seguinte:

Artigo 1.º — É criado um novo tipo de moeda metálica, por acordo entre o Estado e o Banco de Portugal, com o valor facial de 25\$00, fabricada em liga de cupro-níquel, na proporção de 75% de cobre e de 25% de níquel, a qual será serrilhada e terá o diâmetro de 26,25 mm e o peso de 8 g, com a tolerância de mais ou menos de 2% em título e no peso.

Art.º 2.º — 1. A nova moeda será cunhada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, que, para o efeito de selecção do modelo da composição das respectivas faces, procederá à abertura de concurso público entre artistas nacionais.

2. A referida composição, embora livre, deverá conter obrigatoriamente os seguintes elementos: a legenda «República Portuguesa», a era da cunhagem em algarismos, o escudo nacional, ou a sua estilização, e a designação do valor facial, também em algarismos.

3. O modelo que vier a ser seleccionado pelo júri do concurso público será aprovado por diploma legal, donde constará a respectiva descrição.

Art.º 3.º — 1. O limite da emissão para a moeda criada pelo presente diploma é de um milhão de contos.

2. As moedas de 25\$00 serão postas a circular à medida que forem sendo fabricadas, mas a sua entrada em circulação não implica que o Banco de Portugal proceda de imediato à retirada das notas de 20\$00, a qual se fará progressivamente, consoante as disponibilidades dessas espécies e as necessidades de circulação o aconselharem.

Art.º 4.º — Ninguém pode ser obrigado a receber em qualquer pagamento mais de 1 000\$00 destas moedas.»

A véspera de Natal é feriado obrigatório

A fim de esclarecer certas dúvidas surgidas quanto ao regime de não prestação de trabalho na véspera de Natal, dia 24 de Dezembro, o Ministério do Comércio e Turismo emitiu a seguinte nota oficiosa:

«No sentido de evitar possíveis especulações, provenientes muitas vezes do desconhecimento ou ignorância do que foi estipulado, e atendendo a que, em 1975, o dia 24 de Dezembro não foi considerado obrigatório, o Ministério do Comércio e Turismo relativamente a esse «dia» tornou público o seguinte:

1 — De acordo com o estipulado no Decreto-Lei n.º 274/A/76, de 12 de Abril passado, o próximo dia 24 de Dezembro (sexta-feira — véspera de Natal) será feriado obrigatório;

2 — Por outro lado, complementando o atrás referido, acha-se conveniente informar que foi recentemente aprovado em Conselho de Ministros um novo diploma legal que virá introduzir algumas alterações na redacção do decreto acima citado, prevendo-se a sua entrada em vigor no próximo ano. Do assunto será dado oportunamente público conhecimento.»

Da Póvoa e Paço

Falecimento. — Em casa de sua filha Clementina, em Mataduchos, faleceu no dia 18 do corrente a sr.ª D. Maria da Assunção Ramos Durão, de 73 anos, viúva desde 29 de Dezembro de 1964 do saudoso Manuel Cristino da Costa Durão, do Paço.

Era mãe das sr.ªs D. Maria Emília Ramos da Costa Durão, casada com o sr. Manuel Marques da Silva, moradores na Póvoa; D. Clementina Ramos da Costa Durão, casada com o sr. Celestino da Costa Ribeiro, moradores em Mataduchos; D. Lucília Ramos da Costa Durão, casada com o sr. Fernando Augusto de Oliveira, comerciantes em Cacia; D. Maria Fernanda Ramos da Costa Durão, casada com o sr. Fernando Simões Cordeiro de Jesus, empregado na Fábrica de Celulose, residentes em Cacia; e D. Celestina Ramos da Costa Durão, casada com o sr. António Fernandes de Castro, ausentes na Venezuela; e dos srs. Osvaldo Ramos da Costa Durão, casado com a sr.ª D. Maria Fernanda Marques Rainho Durão, residentes na Amoreira (Estoril); Maximino Ramos da Costa Durão, casado com a sr.ª D. Maria Celestina Antunes Lourenço Durão, residentes em Cascais; e Manuel Ramos da Costa Durão, industrial de padaria em Porto da Luz (Alenquer).

O seu funeral realizou-se no dia 20, pelas 10,30 horas, para o cemitério de Esgueira, com a encorpoação do rev. pároco da freguesia, que encomendou o corpo.

Foram-lhe oferecidos 18 bouquets de flores pela família e pessoas amigas.

Conduziu a chave da urna o seu filho Osvaldo, acima referido. Tratou do funeral a Agência Capela, de Esgueira, que transportou o ataúde em auto-fúnebre.

A toda a família enlutada enviamos sentidas condolências.

A ampliação do Cemitério de Cacia

A pedido da Comissão pró-Cemitério de Cacia, publicamos hoje a segunda lista de donativos angariados para a compra de parte do terreno para ampliação do cemitério desta freguesia.

Transporte ...	27.100\$00
António Marques da Silva	300\$00
António Rodrig. Azevedo	300\$00
Maria da Conceição Crespo	300\$00
Manuel Nunes Teixeira	250\$00
Manuel Duarte N. Teixeira	250\$00
Afonso Alberto Linhares	200\$00
Manuel Correia	200\$00
Rosa Mateus	200\$00
Diamantino Ant. Crespo	200\$00
Francisco Rodrigues Neta	200\$00
António Gomes Oliveira	200\$00
António Nogueira da Silva	200\$00
José de Almeida Martins	200\$00
Alfredo Moreira	200\$00
Manuel Oliveira Pinto	200\$00
«Casa Lina»	200\$00
Antero Martins H. Costa	200\$00
Manuel Reis	200\$00
António Ferreira da Costa	200\$00
José Oliveira Santos	200\$00
João Gonçalves da Cruz	200\$00
Armando Rodrig. Branco	200\$00
José Coutinho Pereira	120\$00
Adelino Esteves da Eira	100\$00
José Maria	100\$00
Manuel Joaquim Barros	100\$00
Júlia Rodrigues Vieira	100\$00
António Miguel N. Silva	100\$00
Albino Rodrigues Barges	100\$00
António Pinto	100\$00
Manuel M. N. Simões	100\$00
Manuel Vieira	100\$00
Ramiro Pinheiro Soares	100\$00
João Alves Copido	100\$00
Manuel Rodrigues Sousa	100\$00
Amílcar Andrade	100\$00
Leonel Sousa Barbosa	100\$00
António Ribeiro	100\$00
João Teixeira Bastos	100\$00
Manuel Vieira	100\$00
Joaquim Tav. Rodrigues	100\$00
Rosa Rodrigues Ferreira	100\$00
Manuel Pereirinha	100\$00
António de Jesus Almeida	100\$00
Anibal Tavares Pereira	100\$00
José Alberto	100\$00
Francisco Inácio da Silva	100\$00
Francisco Teixeira	100\$00
António Rod. Valente	100\$00
Fernando Almeida Martins	100\$00
Fernando Moutela Pinho	100\$00
Manuel A. R. Teixeira	100\$00
Manuel Fonseca	100\$00
Mário Melo	100\$00
Maria Emília Nascimento	100\$00
António Queirós Novais	100\$00
Manuel Ferreira Santos	100\$00
Rosa Rodrigues Teixeira	100\$00
Armando Dias Teixeira	100\$00
Rosa Duarte Ribeiro	100\$00
Jaime Augusto Oliveira	100\$00
Jacinto Rodrigues Canelas	100\$00
Evangelista Sousa Barbosa	100\$00
Maria Mira Bastos	100\$00
António Rodrig. G. Sousa	100\$00
Manuel Ribeiro	100\$00
João Duarte Per. Calisto	100\$00
Luís E. Santos Guedes	100\$00
José Pinto Ribães	100\$00
Manuel Eduardo da Silva	100\$00
João Rodrigues Borges	100\$00
Manuel Gonçalves Nunes	100\$00
António Aug. D. Azevedo	100\$00
Álvaro Teles	100\$00
Abel Rebelo dos Anjos	100\$00
Albino Roque	100\$00
Delfim Lemos da Silva	100\$00
José Gomes da Costa	100\$00
Manuel dos Anjos	100\$00
Manuel António Martins	100\$00
Alfredo Maia Pereira	100\$00
Joaquim António Monteiro	100\$00
António Marques	100\$00
Alexandre Pádua e Silva	100\$00
A transportar ...	38.120\$00

Ajudar a Indústria Portuguesa!
Comprei só produtos portugueses!

Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo

Assembleia Geral Extraordinária

2.ª CONVOCATÓRIA

A Comissão Instaladora da Cooperativa Agrícola de Aveiro e Ílhavo, em conformidade com as disposições estatutárias, convoca todos os Associados da Cooperativa a participarem na próxima Assembleia Geral, que terá lugar no Salão Cultural da Câmara Municipal de Aveiro (por cima do Turismo), no dia 9 de Janeiro/77 (domingo), pelas 10 horas, em 2.ª Convocatória, com a seguinte

ORDEM DO DIA

- 1.º — Leitura e aprovação da acta da última Assembleia;
- 2.º — Informações;
- 3.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o triénio de 1977 a 1979.

NOTA: — Ao abrigo do Art.º 23.º, § único, dos Estatutos, a Assembleia Geral, em 2.ª Convocatória, pode funcionar regularmente com qualquer número de Associados.

Aveiro, 16 de Dezembro de 1976

A COMISSÃO INSTALADORA

Neurologia

Armindo Nogueira da Silva

Conforme noticiámos no penúltimo número, faleceu no dia 1 de Dezembro, na sua casa de Cacia, na rua Conselheiro Nunes da Silva, o nosso bom amigo sr. Armindo Nogueira da Silva, de 77 anos, natural de Angeja, ex-fiscal das Padarias do Porto, casado com a sr.ª D. Maria Augusta Simões Duarte; pai da sr.ª D. Deolinda Simões Nogueira, casada com o sr. José Neves Pereira dos Santos; e avô do estudante José Nogueira Neves dos Santos, residentes na Foz do Douro (Porto).



Armindo Nogueira da Silva

O extinto, que gozava da melhor consideração e estima, foi vice-presidente da Casa do Povo de Cacia. Era irmão dos srs. José Maria Nogueira da Silva, residente em Lisboa; Emídio Nogueira da Silva, morador em Angeja; e do saudoso Manuel Maria Nogueira, que também faleceu em Angeja no dia 4 do corrente; e da sr.ª D. Amélia Nogueira Souto, também residente naquela vizinha freguesia.

O seu funeral realizou-se no dia 3, pelas 16 horas, com grande acompanhamento e a encorpoação das três irmandades erectas nesta freguesia e dois sacerdotes, que celebraram missa de corpo presente na igreja paroquial e encomendaram o corpo.

Foram-lhe oferecidos 17 bouquets e uma coroa pela família e pessoas amigas.

Conduziram a chave da urna e

Carimbos de borracha

Aceitam-se encomendas, de qualquer modelo, nesta redacção.

De Sarrazola

Missa de sufrágio. — No dia 11 do corrente, pelas 9 horas, foi rezada na capela de S. Bartolomeu, deste lugar, uma missa em sufrágio da alma da saudosa D. Maria Alice Rodrigues de Oliveira e Sá, mandada celebrar pela sua íntima amiga sr.ª D. Maria Rosa Simões Duarte, aqui residente, tendo assistido ao piedoso acto pessoas de família e tuitas deste lugar.

★

De Angeja

Eleições. — Decorreram com a maior normalidade as eleições nesta freguesia.

O PPD/PSD teve 357 votos, o PS 307 e o CDS 214.

A futura Junta de Freguesia será, por isso, presidida pelo sr. Domingos Rodrigues da Silva e nela entrarão 4 elementos do PPD, 3 do PS e 2 do CDS, que serão eleitos por votação secreta.

Casa de habitação

Vende-se em Sarrazola, na Rua Dr. Marques da Costa (Ribeira), n.ºs 19, 21 e 23, com 11 divisões e garage, reconstruída de novo, tendo 1.º andar por dividir.

Tratar com Mário João Soares, na mesma casa.

a toalha de cobertura o seu genro e o neto acima referidos.

Tratou do funeral a Agência Fonseca, de Sarrazola, que transportou o ataúde em auto-fúnebre.

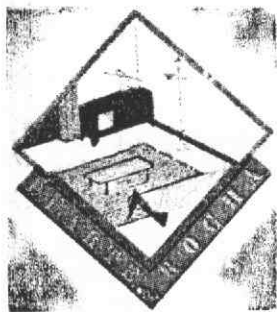
A família enlutada renovamos o nosso sentido pesar.

Agradecimento

A sua família, na impossibilidade de o fazer directamente por falta de endereços, vem por este meio e de uma maneira geral agradecer, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que acompanharam a última morada o seu ente querido, não esquecendo os muitos amigos que se deslocaram propositadamente a esta localidade para esse fim e por qualquer forma lhes apresentaram condolências e outras provas de conforto e amizade.

Cacia, 12 de Novembro de 1976

★ PASSAGENS AERÉAS, MARÍTIMAS, CAMINHO DE FERRO ★
 RESERVA DE HOTÉIS, EXCURSÕES
AGÊNCIA DE VIAGENS
Costa & Filho, Lda
TURISMO
 RUA GUSTAVO FERREIRA PINTO BASTO, 47
 TELEFONES 22940 / 28315 AVEIRO
 ★ PASSAPORTES, VISTOS CONSULARES ★
 ★ CRUZEIROS, FEIRAS, EXPOSIÇÕES, VIAGENS IT, SEGUROS DE VIAGEM ★



Duarte da Rocha

Móveis e Decorações
 Aparelhagem electrodoméstica
 Alcatifas

Telefone 24772 Rua Direita, 421 — ARADAS — AVEIRO

GALERIAS
PREÇO POPULAR
 *Enxovais
 *Tecidos
 *Vestuário
 *Colchas
 *Calças
 *Malhas

veste país e filhos
 Agostinho Pinheiro, 11
 tel. 23575
AVEIRO

Mário Bismarck Soares
 ADVOGADO
 Rua do Crucifixo, 28 - 2.º
 Telef. 27340 — LISBOA

Automóvel de aluguer
 Praça efectiva em Cacia
 Jorge Sales dos Santos
 Condutor e proprietário
 Rua da República, 327 — CACIA
 Telef. 91366 (Residência e Estação)

PINTOR
 Encarrega-se de todos os trabalhos de pintura da construção civil
 Orçamentos grátis
 Trata da venda e compra de prédios e terrenos para construção
 Telefone 91202

António da Silva Sequeira
 (Figueiredo)
 ALFAIATE
 Execução perfeita de todos os trabalhos para homem e senhora
 Tel. 93194 — S. João de Loure

Baterias Filauto
 a melhor
 Telef. 91160 — CACIA

LANIFÍCIOS
 para Homem e Senhora
 nos mais modernos padrões e coloridos
 Sobretudos e Gabardines
ARMAZÉM SÉRGIOS
 Nesta época continue V. Ex.ª a preferir o melhor sortido e os nossos melhores padrões.
 Avenida Dr. Lourenço Peixinho, 66
AVEIRO
 = Telef. 22228 =

COMBOIOS EM CACIA
 (Horário em vigor desde 26-8-1976)

PARA O NORTE	PARA O SUL
5,33 Semi-directo vindo de Lisboa	1,27 Semi-directo para Lisboa
6,15 Tranvia	4,15 Semi-directo para Lisboa
7,05 Tranvia	6,58 Tranvia
7,59 Tranvia	7,39 Tranvia
8,43 Tranvia	8,35 Semi-directo para Lisboa
9,48 Tranvia	10,16 Tranvia
11,33 Tranvia	11,04 Semi-directo para Lisboa
12,57 Tranvia	11,35 Tranvia
15,15 Tranvia	13,59 Tranvia
16,25 Semi-directo vindo de Lisboa	16,07 Tranvia
18,30 Tranvia	17,30 Onibus (para Lisboa)
19,44 Semi-directo	18,48 Tranvia
21,44 Tranvia	20,19 Tranvia
23,10 Semi-directo vindo de Lisboa	21,57 Tranvia

Os comboios das 6,58, 10,16, 13,59 e 16,07, seguem até Coimbra; os das 7,39, 11,35, 20,19 e 21,57, terminam em Aveiro; e o das 18,48, que vai até Alfaiates, dá ligação ao rápido.

Só aos sábados, efectua-se um tranvia entre Aveiro-Estarreja e vice-versa, com paragem em Cacia às 13,28 e 14,20 horas, respectivamente.

TOTOBOLA
 Prognóstico para o Concurso N.º 17
 (Em 26 de Dezembro de 1976)

Este concurso inclui somente jogos para a «Taça de Portugal», já com a participação de equipas da I Divisão.

Barreirense - Sporting	2
Famalicão - Beira Mar	2
Paços Ferreira - Varzim	2
Gil Vicente - Penafiel	1
Juventude - C.U.F.	1
Avintes - Feirense	2
A. Lordelo - Régua	1
Benavente - Covilhã	1
Bombarralense - Sanjoanense	2
Moura - Oriental	2
O Elvas - Almada	2
Mangualde - Infesta	1
Arrifanense - Almeirim	1

Auxiliar a indústria portuguesa é garantir o pão e o trabalho de todos os portugueses.

Chave do Concurso N.º 16
 realizado em 19 de Dezembro:

Guimarães - Portimonense	1
Benfica - Leixões	1
Belenenses - Beira-Mar	1
Boavista - Montijo	1
Setúbal - Porto	2
Académico - Atlético	x
Estoril - Sporting	2
Varzim - Braga	1
Gil Vicente - União Lamas	x
Lourosa - Fafe	1
Marinhense - Peniche	1
Barreirense - Marítimo	1
Lusitano Evora - V. Gama	1

Jean caveleiro
 ESTÉTICA
 SAUNA
 Rua José Estêvão, 29-1.º — AVEIRO — Telef. 23719

Abílio Leite de Azevedo
 Construtor civil
 Alvará n.º 799 — Seguro da União
 Encarrega-se de todos os serviços até 5.000 contos
 Sarrazola — CACIA
 Telef. 91378

Abílio Henriques Dias
 Rua dos Marnotos, 57-2.º
AVEIRO
 Exploração de águas, poços e minas

Espingardaria Salreu
 = DE
Manuel Augusto Pereira da Costa
 SALREU — Telef. 42180

Venda de espingardas novas e usadas (novas para entrega imediata) das afamadas marcas «S.K.B.», japonesas; «Sabati» e «Antonio Zolli», italianas; «Saint», «Etienne-Robust», etc., francesas.
 Munições e especialidade em cartuchos carregados
 Consertos em toda a espécie de armas

António de Jesus
 Técnico - electrónico

Executa reparações em Rádios, Televisores, Máquinas de Lavar e Frigoríficos

Telefone (p.f.) 91201 — TABOEIRA

OFICINA DE CARPINTARIA E MARCENARIA MECANICA DE
Manuel Marques Abreu Rua
 Telef. 93178 — LOURE — S. João de Loure

Todos os trabalhos de carpintaria em qualquer qualidade de madeira, para a construção civil
 ORÇAMENTOS GRATIS

Aneotas

Ele dizia para o amigo:
 — Tem esperança, Euzílio! Os cientistas que já inventaram o telégrafo sem fios, o avião sem piloto, o foguetão interplanetário, estão agora a tentar a mais maravilhosa das descobertas: a esposa sem sogra.

*
 Barnabé no tribunal:
 — É solteiro, casado ou viúvo?
 — Viúvo.
 — E desde quando?
 — Desde que minha mulher faleceu.

Construtora de
António Francisco Neto & Filhos, Lda

Oficinas mecânicas de construção de bombas, aspirantes e aspirantes prementes, em lusalite e fibrocimento, com adaptação de cilindros de vidro e aço inox, para extracção de água de poços, líquidos de nitreiras e artesanais. = Secção de motores eléctricos.

Encarrega-se da sua montagem em qualquer ponto do País

REPARAÇÕES
 Trabalhos garantidos

Tel. 23529 — Apartado 58 VERDEMILHO — AVEIRO